

# **Alma de Criança**

**Hermann Hesse**

Agimos frequentemente, saindo e entrando, fazendo isto e aquilo, e tudo é fácil, leve e gratuito, como se pudesse visivelmente ser diferente. E com frequência, em outras horas, nada pode ser feito diversamente, nada é gratuito e fácil, e cada respiração nossa é determinada por alguma força e intensamente controlada pelo destino.

Os atos de nossa vida, que julgamos bons e dos quais falamos sem reservas, são quase todos daquela primeira categoria "fácil" e facilmente os esquecemos. Outros atos, dos quais temos dificuldade em falar, nunca mais os esquecemos; são de certo modo mais nossos do que os outros e projetam longas sombras sobre todos os dias de nossa vida. Entrava-se na casa paterna, que era grande e clara e ficava numa rua ensolarada, por uma porta alta e ficava-se imediatamente cercado de frieza, penumbra e o cheiro úmido da pedra. Um alto vestíbulo sombrio nos recebia silencioso e um chão de lajes vermelhas subia um pouco até à escada, que ficava mais ao fundo envolta em sombras. Milhares de vezes entrei por aquela alta porta e nunca prestei qualquer atenção à porta e ao vestíbulo, às lajes e à escada. Na verdade, tudo isso era apenas uma passagem para outro mundo, para "nosso" mundo. O vestíbulo cheirava a pedra, era de teto alto e sombrio e nos fundos a escada subia da escura frieza para a luz e para o claro conforto. Entretanto, o que se encontrava em primeiro lugar era sempre o vestíbulo e a pesada escuridão. Havia ali alguma coisa do Pai, um vislumbre de dignidade e poder, um resquício de castigo e sentimento de culpa. Mil vezes passei por ali, rindo. Em muitas ocasiões, porém, entrava e me sentia esmagado e triturado; a angústia me dominava e eu procurava apressadamente a escada libertadora.

Quando eu tinha onze anos, cheguei um dia em casa vindo da escola. Era um desses dias em que o destino ronda pelos cantos e qualquer coisa pode facilmente acontecer. Em dias assim, parece que todas as confusões e perturbações de nossa alma se refletem nas coisas que nos cercam e as desfiguram. O desconforto e a angústia nos invadem o coração e procuramos e encontramos as suas supostas causas fora de nós, vendo o mundo desajustado e completamente erçado de obstáculos.

Assim foi naquele dia. Desde cedo, fui oprimido por um sentimento de culpa, embora nada de particularmente errado tivesse feito. De onde me vinha isso? Talvez dos meus sonhos durante a noite. Naquela manhã, o rosto de meu pai apresentava uma expressão de sofrimento e de censura. Com isso, o leite da primeira refeição me pareceu morno e sem sabor. Na escola, não tive certamente de enfrentar problemas, mas tudo aquilo me pareceu mais uma vez triste, inerte e desanimador. Tudo se combinava para infundir-me o tão conhecido sentimento de impotência e desespero que nos diz que o tempo é interminável e que ficaremos eternamente indefesos e pequenos, sob o domínio daquela escola horrível e infecta durante anos e anos, e que toda esta vida é sem sentido e detestável.

Naquele dia, aborreci-me também com meu melhor amigo nessa época. Tinha feito amizade pouco antes com Oskar Weber, filho de uma maquinista de locomotiva, sem saber ao certo o que nele me atraía. Ele se havia recentemente gabado de que o pai ganhava sete marcos por dia e eu tinha replicado ao acaso que meu pai ganhava quatorze. Ele se deixara impressionar por isso sem contestar e esse fora o início de nossa amizade. Alguns dias depois, fiz uma sociedade com Weber, dentro da qual juntaríamos as nossas economias para poder comprar uma pistola. A arma estava exposta na vitrina de uma loja de ferragens e parecia muito sólida com os seus dois canos de aço azulado. Weber me havia assegurado que, se durante algum tempo economizássemos corretamente, poderíamos comprá-la. O dinheiro sempre aparecia. Weber ganhava de vez em quando dez *pfennigs* para dar algum recado ou recebia uma gorjeta aqui e ali. Muitas vezes também achávamos dinheiro na rua ou coisas que valiam dinheiro, como ferraduras, pedaços de chumbo e outras coisas que se podiam vender. Ele tinha entrado imediatamente com uma moeda de dez *pfennigs* para nossa caixa e isso me convenceu, fazendo-me acreditar que nosso plano era viável e muito esperançoso.

Quando naquele dia entrei ao meio-dia no ar frio de adegas do vestíbulo e sofri as

sombrias advertências de mil coisas e circunstâncias desagradáveis e odiosas, meus pensamentos logo se voltaram para Oskar Weber. Sentia que não gostava dele, embora o seu rosto bem-humorado, que me lembrava o de uma lavadeira, me fosse simpático. O que me atraía nele não era sua pessoa, mas coisa muito diferente. Poderia dizer que era a classe a que ele pertencia — alguma coisa de que ele participava com quase todos os outros rapazes de sua espécie e origem: certa arte de viver audaciosa, um couro duro que protegia de perigos e humilhações, o conhecimento íntimo das pequenas e práticas necessidades da vida, do dinheiro, das lojas e oficinas, das mercadorias e dos preços, de cozinhas, lavanderias e coisas dessa espécie. Rapazes como Weber, que pareciam não sentir as pancadas recebidas na escola e que conviviam com criados, carreteiros e operárias de fábricas, tinham uma posição no mundo diferente da minha e mais segura. Eram como adultos, sabiam quanto os pais ganhavam por dia e estavam sem dúvida a par de muitas outras coisas, nas quais eu era inexperiente. Riam de expressões e piadas que eu não compreendia. Riam principalmente de uma maneira que me era proibida, de uma maneira suja e grosseira mas inegavelmente adulta e "viril". Pouco adiantava que eu fosse mais inteligente e na escola soubesse mais do que eles. Pouco adiantava que eu fosse mais bem vestido, mais bem penteado e mais limpo. Ao contrário, até essas diferenças lhes eram favoráveis. No "mundo", como ele me aparecia à luz do crepúsculo e da aventura, rapazes como Weber apreciam entrar em dificuldade, ao passo que para mim esse "mundo" era bem fechado e eu teria de bater a cada uma de suas portas para conquistá-lo penosamente num trabalho que exigia que eu ficasse mais velho, frequentasse escolas, fizesse exames e me educasse interminavelmente. Era natural que esses rapazes encontrassem na rua ferraduras, dinheiro e pedaços de chumbo, que recebessem pagamento pelas coisas que faziam, que fossem presenteados de todas as maneiras nas lojas e que prosperassem em todas as suas atividades.

Eu sentia vagamente que minha ligação com Weber e com sua caixa não passava de um desejo desesperado por aquele "mundo". Não via em Weber nada que fosse digno de admiração a não ser o grande segredo em virtude do qual ele estava mais próximo dos adultos do que eu e vivia num mundo mais sem véus, mais nu e mais vigoroso do que eu com meus sonhos e desejos. E sentia de antemão que ele me decepcionaria e que eu não conseguiria arrancar-lhe o seu segredo e a sua chave mágica da vida.

Separara-se de mim pouco antes e eu sabia que ele ia naquele momento para casa, robusto e corpulento, assobiando e satisfeito, sem sombra de desejos ou pressentimentos. Quando ele encontrava as criadas e as moças de fábrica e lhes contemplava a vida enigmática, talvez maravilhosa, talvez condenável, não havia para ele nem enigma, nem segredo. Nada disso era para ele perigoso, rude ou excitante. Era tudo compreensível, conhecido e natural como a água para um pato. Eu, porém, sempre ficaria do lado de fora, sozinho e inseguro, cheio de suspeitas mas sem qualquer certeza.

De qualquer maneira, a vida naquele dia me parecia mais uma vez desesperadamente insípida. O dia tinha um jeito de segunda-feira, embora fosse sábado. O dia cheirava a segunda-feira, que era um dia três vezes mais comprido e três vezes mais vazio que os outros. A vida era maldita e odiosa, horrível e nauseante. Os adultos procediam como se o mundo fosse perfeito e eles fossem semideuses, ao passo que nós, crianças, nada mais éramos senão lixo e refugio. E os professores...!

Sentia impulso e ambição dentro de mim e fazia esforços sinceros e apaixonados para o bem, quer aprendendo os verbos irregulares gregos, quer conservando limpas as minhas roupas, obedecendo aos mais velhos ou suportando heroicamente e em silêncio dores e humilhações... E sempre me lançava, ardente e piedoso, para dedicar-me a Deus e seguir o caminho ideal, puro e nobre que levava às alturas, praticar a virtude, suportar o mal com paciência e silêncio e ajudar os outros...

Infelizmente, tudo isso permanecia no esforço, na procura e num voo breve e vacilante. E sempre, ao fim de alguns dias, até de algumas horas, acontecia o que não devia acontecer, algo doloroso, perturbador ou vergonhoso. Sempre me sucedia por entre minhas mais firmes e mais nobres decisões e promessas. Caía de repente e inexoravelmente em pecado e maldade, em maus hábitos comuns. Por que era assim, por que eu sentia a beleza e a correção das boas intenções e as levava no coração,

quando constantemente a vida toda (inclusive a dos adultos) tresandava a vulgaridade e era organizada de tal maneira que sempre permitia a vitória do que era baixo e comum? Como era possível que de manhã, de joelhos ao lado de minha cama, ou à noite, diante de velas acesas, eu me ligasse ao bem e à luz por um juramento sagrado, apelasse para Deus e declarasse guerra para sempre a qualquer depravação — e talvez uma ou duas horas depois, fizesse a esse juramento sagrado e à minha resolução a mais dolorosa traição, quando mais não fosse participando do riso sedutor ou dando ouvido a uma piada de algum garoto bronco da escola? Por que era assim? Acontecia o mesmo com os outros? Tinham sido os heróis, os romanos e os gregos, os cavaleiros, os primeiros cristãos, esses homens tão diferentes de mim, melhores, mais perfeitos, sem maus impulsos, dotados de um órgão que me faltava, o qual os impedia sempre de cair do céu no cotidiano, do sublime no insuficiente e no miserável? Era o pecado original desconhecido para aqueles heróis e aqueles santos? Eram a santidade e a nobreza possíveis apenas a alguns, poucos e escolhidos? Mas então por que eu, que não era um desses escolhidos, sentia inato em mim esse impulso para o que era belo e nobre, esse desejo violento e doloroso de pureza, bondade e virtude? Não era tudo isso uma zombaria? Podia haver no mundo de Deus uma criatura, um jovem cheio ao mesmo tempo de bons e maus impulsos e que com isso sofria e se desesperava, fazendo uma figura infeliz e cômica para divertimento do Deus que o observava? Ou não era — sim, não era o mundo inteiro uma pilhéria do diabo, que só merecia escarros? Neste caso, não era Deus um monstro, um louco, um horroroso e repulsivo brincalhão? Infelizmente, enquanto eu pensava tais coisas com um ressaibo de volúpia rebelde, meu temeroso coração batia aceleradamente pelas blasfêmias!

Com que nitidez revejo agora, trinta anos depois, aquela escada, com as altas janelas cegas que davam para as paredes da casa vizinha e deixavam entrar tão pouca luz, os degraus e patamares de pinho brancos de tão lavados e o corrimão liso e de madeira sólida, bem polido pelas mil descidas que eu fazia montado nele! Tão distante está de mim a infância e tão incompreensível e fabulosa me parece em conjunto, que é incrível que ainda a recorde com todas as tristezas e dúvidas que me entremecavam a felicidade. Todos esses sentimentos se manifestavam no coração da criança da mesma forma em que permaneceram: dúvida do meu valor pessoal, indecisão entre a autoestima e o desânimo, entre um idealismo que desprezava o mundo e amais baixa sensualidade. E como fazia naquele tempo, continuei posteriormente a julgar esses aspectos de minha natureza ora como uma terrível doença, ora como uma superioridade, pois acreditava às vezes que Deus me fazia seguir por esse doloroso caminho para assegurar-me especial isolamento e exploração profunda do meu ser. Mas em outros momentos tudo isso me parecia fraqueza abjeta de caráter, ou uma neurose como milhares de infelizes arrastam através da vida.

Se eu tivesse que reduzir todos os meus sentimentos e o doloroso conflito entre eles a um sentimento básico e designá-los por um nome único não saberia de nenhum melhor do que angústia. Era angústia que eu sentia, angústia e incerteza em todas aquelas horas de atribulada infância — angústia em face do castigo, angústia diante da minha consciência, angústia em consequência dos impulsos de minha alma, que eu considerava proibidos e criminosos.

Naquela hora de que eu estava falando também, esse sentimento da angústia de novo me dominou, enquanto subia a escada cada vez mais clara e me aproximava da porta de vidro. Começou por uma opressão no abdome e subiu até à garganta onde se transformou numa sensação de sufocação e de náusea. Ao mesmo tempo, sentia sempre nessas ocasiões e ainda agora uma penosa sensação de desconforto, uma desconfiança diante de todos os observadores, um impulso de ficar sozinho e esconder-me.

Com esse sentimento mau e execrável, que era verdadeiramente o sentimento de um criminoso, cheguei ao corredor e depois à sala de estar. Para mim, o diabo estava solto naquele dia e tudo poderia acontecer. Notei isso como o barômetro registra uma alteração de pressão do ar, com irremediável passividade. Ah, ali estava de novo o indizível! O demônio rondava pela casa, o pecado original me roía o coração e havia em cada canto um espírito, um pai, um juiz.

Até então, eu de nada sabia e tudo era ainda puro pressentimento, antecipação e

lacerante inquietação. Em tais circunstâncias, o melhor que pode acontecer a alguém é cair doente e ir para a cama. Tudo então se passa sem perigo e a mãe ou irmã aparecem. Pode-se então tomar chá rodeado de amorosa solicitude e chorar ou dormir para depois acordar refeito e alegre num mundo tolerante transformado, redimido e claro.

Minha mãe não estava na sala de estar e na cozinha só encontrei a empregada. Resolvi subir para o escritório do pai que ficava no alto de uma estreita escada. Embora eu também tivesse medo dele, era às vezes bom recorrer a ele quando havia tanta coisa de que pedir perdão. Era mais simples e mais fácil ter confiança na mãe. Com o pai, entretanto, a confiança que se ganhava tinha mais valor; significava paz com a consciência julgadora, reconciliação e nova aliança com as potências do bem. Depois de cenas, interrogatórios, confissões e punições desagradáveis, tinha eu muitas vezes saído da sala do pai punido e censurado sem dúvida, mas também bom e puro, cheio de novas resoluções, fortalecido graças à aliança com um poderoso contra o malévolo inimigo. Resolvi procurar o pai e dizer-lhe que não estava me sentindo bem.

Subi então a pequena escada que levava ao escritório. Essa pequena escada com o seu cheiro próprio do papel das paredes e o som seco dos degraus soltos de madeira era muito mais que a do andar térreo um caminho importante e uma porta do destino. Muitas ocasiões significativas me haviam levado por aqueles degraus. Cheio de angústia e de casos de consciência tinha eu subido por ali, cheio de obstinação e de desvairada raiva, e não raro voltava de lá com a absolvição e uma segurança nova. Em nossa casa, no andar de baixo, mãe e filho sentiam-se à vontade e soprava um ar inofensivo. Ali em cima, residiam o poder e o espírito; eram ali o tribunal, o tempo e o "Reino do Pai".

Um tanto inquieto, como sempre, baixei o velho ferrolho e entreabri a porta. O cheiro bem conhecido do escritório paterno veio ao meu encontro. Era um cheiro de livros e de tintas atenuado pelo ar azul das janelas meio abertas e das cortinas brancas e puras, por um cheiro leve de água-de-colônia e de uma maçã em cima da mesa. Mas a sala estava vazia.

Entreí com uma sensação mista de decepção e de alívio. Amorteci os passos e caminhei na ponta dos pés como fazia muitas vezes quando meu pai dormia ou estava com dor de cabeça. Mal tive consciência desse passo leve, senti as batidas aceleradas do coração e a pressão angustiosa no abdome e na garganta me voltarem ainda com mais força. Continuei furtiva e aflitamente, dando um passo e outro passo, e não era mais um inofensivo visitante e suplicante, mas um intruso. Muitas vezes já tinha eu entrado nos dois aposentos de meu pai secretamente e na ausência dele. Tinha escutado e explorado o reino secreto de meu pai e por duas vezes havia tirado alguma coisa de lá.

A recordação desses fatos me atingiu e dominou e fiquei sabendo imediatamente que a catástrofe estava presente, que alguma coisa ia acontecer e que o que eu ia fazer era proibido e errado. Não era possível fugir! Bem que pensei nisso e desejei fervorosa e intensamente correr, descer a escada e ir para meu quarto ou para o jardim, mas sabia que não iria, nem podia fazer isso. Desejava que meu pai estivesse no quarto vizinho e entrasse ali de repente e destroçasse o sombrio encantamento que me dominava e acorrentava. Quem me dera que ele aparecesse, ainda que zangado comigo. Antes que fosse tarde demais!

Tossi para dar a notícia de minha presença e, como não houve resposta, chamei em voz baixa: "Papai!" Tudo continuou em silêncio, os muitos livros nas estantes continuaram calados e uma banda da janela se moveu com o vento, lançando no chão um reflexo de luz. Ninguém me salvava e dentro de mim não havia qualquer liberdade, salvo a de fazer o que o demônio queria. Algo me apertava a barriga e me gelava as pontas dos dedos, enquanto o coração batia desesperadamente. Não sabia ainda absolutamente o que ia fazer. Sabia apenas que seria alguma coisa errada.

Aproximei-me da mesa, peguei um livro e li seu título em inglês, que eu não compreendia. Odiava o inglês. Meu pai sempre falava em inglês com minha mãe quando não queria que nós, crianças, entendêssemos ou quando estavam brigando. Havia uma taça cheia de uma porção de miudezas — palitos, penas de caneta, alfinetes. Peguei

duas penas de aço e guardei-as no bolso. Só Deus sabe por que fiz isso. Não precisava de penas e não sentia nenhuma falta delas. Só fazia isso para seguir o impulso que me arrastava, o impulso de errar, de proceder mal, de cobrir-me de culpa. Mexi nos papéis de meu pai e encontrei uma carta já começada na qual li as palavras: "Nós e as crianças vamos passando bem, graças a Deus", e as letras latinas de sua caligrafia me espiavam como se fossem olhos.

Entrei então leve e furtivamente no quarto. Ali estava a cama de campanha de meu pai, com os chinelos marrons embaixo e um lenço em cima da mesa de cabeceira. Respirei o ar impregnado de meu pai no quarto frio e claro e a imagem paterna se levantou nítida diante de meus olhos enquanto o respeito e a rebeldia lutavam dentro do meu sobrecarregado coração. Por um instante, tive raiva, ódio dele e me lembrei, com despeito e malícia, de como ele, de vez em quando, nos dias em que tinha dor de cabeça, ficava deitado muito quieto e estendido na sua cama de campanha baixa, muito comprido e esticado, com uma toalha úmida na testa, quase sempre suspirando. Desconfiava de que ele também, o poderoso, não tinha vida fácil, de que ele, o venerável, tinha também dúvidas sobre si mesmo e que a ansiedade não lhe era desconhecida. O ódio estranho logo se dissipou, cedendo o lugar à piedade e à emoção. Mas, nesse meio tempo, eu abri uma das gavetas da cômoda. Ali estavam guardadas as suas roupas brancas e um vidro de água-de-colônia de que ele gostava; quis cheirá-la, mas o vidro estava ainda fechado e arrolhado e eu o deixei no lugar. Encontrei então uma caixinha redonda com pastilhas de alcaçuz e coloquei algumas na boca. Senti uma espécie de decepção e desencanto e, ao mesmo tempo, de contentamento por não ter achado nem levado nada mais.

Já estava de saída e pronto a renunciar, quando abri por minha alta recreação outra gaveta. Tinha um sentimento de desaforo a tal ponto que resolvi deixar no seu lugar as duas penas que havia apanhado. Talvez a recuperação e o arrependimento fossem possíveis. Talvez tudo voltasse ao que era e eu fosse salvo. Talvez a mão de Deus sobre mim fosse mais forte que qualquer tentação...

Lancei um olhar rápido para a gaveta entreaberta. Tomara que ali só houvesse meias, camisas ou jornais velhos! Mas a tentação se fez presente e dentro de segundos voltaram a tensão mal dissipada e o angustioso encantamento. As mãos me tremiam enquanto o coração me batia descompassadamente. Estava vendo dentro de um cestinho, da Índia ou de outra origem exótica, uma coisa encantadora e irresistível, todo um círculo de figos secos, cobertos de açúcar branco!

Peguei então o cesto que estava admiravelmente pesado. Tirei dois ou três figos, levei um deles à boca e guardei o resto no bolso. Afinal, toda a minha aflição e toda a minha aventura não tinham sido em vão. Não podia mais sair dali redimido e tranquilizado, mas ao menos não sairia de mãos vazias. Tirei mais três ou quatro figos do cesto, que ficou mais leve, e mais alguns e, como meus bolsos já estavam cheios e o círculo estava reduzido a menos da metade, arrumei os figos restantes no círculo pegajoso de modo que as faltas parecessem menores. Tomado então de repente terror, bati a gaveta e corri, atravessando os dois quartos, descii a escada e cheguei ao meu quarto, onde fiquei parado e apoiei-me na minha mesinha alta, sentindo os joelhos fracos e o peito oprimido.

Quase no mesmo instante, o sino tocou chamando para a mesa. Com a cabeça vazia e invadido pelo aborrecimento e pelo desencanto, escondi os figos em minha estante por trás de alguns livros e fui para a mesa. Ao chegar à porta da sala de jantar, notei que estava com as mãos pegajosas e fui lavá-las na cozinha. Na sala de jantar, já encontrei todos à mesa, a esperar. Dei bom-dia rapidamente, meu pai murmurou a oração de graças e eu me curvei para o meu prato de sopa. Não tinha fome e cada colher de sopa me custava. A meu lado, sentavam-se minhas irmãs, meus pais estavam defronte de mim. Tudo era claro, digno e correto. O criminoso único era eu, que me sentava ali entre eles, isolado e indigno, receando qualquer olhar carinhoso e com o gosto dos figos ainda na boca. Teria eu fechado direito a porta do quarto lá em cima? E a gaveta?

O sofrimento me atormentava. Teria deixado que me cortassem as mãos se pudesse recolocar de novo os figos na cômoda. Resolvi jogar os figos fora, levá-los para a escola e dá-los de presente aos colegas. Queria livrar-me deles e nunca mais vê-los!

— Você hoje não me parece bem — disse meu pai do outro lado da mesa. Baixei os olhos para o meu prato e senti o olhar dele em meu rosto. Ele ia perceber tudo naquele momento. Percebia sempre tudo. Por que me atormentava de antemão? Seria melhor para mim que me levasse logo dali e me matasse de pancada.

— Está sentindo alguma coisa? — insistiu ele.

Menti, dizendo que estava com dor de cabeça.

— Por que não se deita um pouco depois do almoço? — disse ele. — Quantas horas de escola tem hoje à tarde?

— Só ginástica.

— Bem, a ginástica não lhe pode fazer mal. Mas coma alguma coisa, mesmo forçando um pouco. Isso vai passar.

Ergui os olhos. Minha mãe nada tinha dito, mas eu sabia que ela me observava. Tomei a sopa, comi quanto pude a carne e os legumes e bebi dois copos de água. Nada mais aconteceu. Deixaram-me em paz. Quando meu pai recitou as graças ao fim do almoço dizendo: "Nós te agradecemos a bondade, Senhor, e esperamos que os teus dons durem eternamente", eu me senti nitidamente separado daquelas claras, santas e confiantes palavras, bem como de todos os que estavam sentados à mesa. Minhas mãos postas eram uma mentira e minha atitude piedosa uma blasfêmia!

Quando me levantei, minha mãe passou-me a mão pelos cabelos e descansou-a na testa para ver se eu estava com febre. Como tudo isso era doloroso!

Cheguei ao meu quarto e fiquei diante da estante. A manhã não me havia enganado e todos os sinais que tinha dado eram corretos. Tinha se tornado um dia infeliz, o pior que eu já havia passado. Mais do que aquilo ninguém podia suportar. Se alguém tivesse de sofrer alguma coisa pior, deveria então se matar. Seria melhor tomar veneno ou enforcar-se. Morrer seria muito melhor do que viver, tão falso e odioso era tudo. Fiquei ali pensando nessas coisas e estendi distraidamente a mão para os figos e comi mais alguns, sem saber ao certo o que estava fazendo.

Vi então o cofre de nossas economias que estava numa das prateleiras atrás dos livros. Era uma caixa de charutos que eu havia fechado firmemente com pregos. Tinha aberto com o canivete uma fenda mal feita para ali deixar cair as moedas. A fenda era imperfeita e cheia de lascas de madeira. Na verdade, eu nada sabia fazer bem. Tinha amigos que podiam fazer coisas assim com cuidado, paciência e perfeição, a tal ponto que o que saía das mãos deles parecia trabalho de marceneiro. Eu, porém, mal amanhava tudo apressada e incorretamente. O que acontecia com meus trabalhos em madeira, acontecia também com minha caligrafia e com os meus desenhos, com a minha coleção de borboletas e com tudo mais. Nada dava certo comigo. E agora estava ali depois de haver cometido um roubo e ainda pior do que os outros. Estava também com as penas ainda no bolso. Para quê? Por que as tinha apanhado, por que fora forçado a apanhá-las? Por que se tinha de fazer o que não se queria?

Na caixa de charutos, só se fazia ouvir o barulho de uma única moeda, os dez *pfennigs* de Oskar Weber. Até então, nada mais fora acrescentado. Aquela história da caixa de economias era também um dos meus empreendimentos típicos! Tudo dava em nada, tudo o que eu começava se perdia e parava no início. O diabo bem podia levar essa tolice de bancos de economias! Eu não queria saber mais deles.

O período entre o almoço e a ida à escola à tarde era em dias como aquele sempre insuportável e difícil. Nos bons dias, nos dias cheios de paz, de calma e de prazer, esse tempo era encantador e desejado. Eu lia uma história de índios no meu quarto, ou corria imediatamente para a escola logo depois da comida. Encontrava sempre ali alguns colegas empreendedores, e nós brincávamos, corríamos e gritávamos e aquecíamos o corpo até que o sino da escola nos chamava para uma "realidade" inteiramente esquecida.

Mas num dia como aquele eu não queria brincar com ninguém e não sabia como podia dominar o demônio que estava dentro do meu peito. Eu sabia o que ia acontecer — talvez não naquele dia, mas talvez da próxima vez, talvez muito em breve. Nessa ocasião, o meu destino explodiria inteiramente sobre mim. Faltava apenas uma insignificância, uma caprichosa insignificância, um pouco mais de angústia, paixão e falta de defesa para que tudo transbordasse e eu chegasse com terror ao fim. Um dia, num dia exatamente como aquele, eu mergulharia inteiramente no mal e faria então, em desafio e raiva e em vista da vida intolerável e sem sentido que levava, faria alguma coisa que seria decisiva e monstruosa, mas libertadora, pois poria termo para sempre à angústia e ao sofrimento.

Não tinha certeza do que seria. Mas, com frequência, me passavam pela cabeça fantasias e ideias que me envolviam confusamente e falavam de crimes com os quais eu me vingaria do mundo e, ao mesmo tempo, me sacrificaria e destruiria. Pensava às vezes em tocar fogo em nossa casa. Chamas gigantescas bateriam as asas dentro da noite, casas e ruas cairiam nas garras do incêndio e toda a cidade arderia contra o fundo escuro do céu. Em outras ocasiões, o crime do meu sonho era uma vingança contra meu pai, um assassinato e uma sinistra carnificina.

Eu procederia, porém, como o criminoso, um verdadeiro criminoso, que eu vira uma vez ser levado pelas ruas de nossa cidade. Era um arrombador, que fora capturado e a quem estavam levando para o tribunal, algemado e com um chapéu-coco de banda na cabeça, com um guarda à frente e outro atrás dele. Aquele homem, que era levado através das ruas e de uma imensa multidão de curiosos, que gritavam contra ele mil pragas, pilhérias maldosas e votos carregados de ódio, nada tinha em comum com os pobres-diabos tímidos que de vez em quando eram levados pelos guardas. Não passavam de pobres trabalhadores que tinham sido surpreendidos quando pediam esmolas. Mas aquele homem não era um trabalhador e não parecia frívolo, tímido ou choroso, nem se refugiava num sorriso imbecil como eu também já havia visto. Não, tratava-se de um verdadeiro criminoso e levava o chapéu mais ou menos amassado numa cabeça erguida em desafio. Estava um pouco pálido e sorria com desdém, enquanto o povo que o insultava e cuspiam se tornava uma turba. Nessa ocasião, eu tinha também gritado: "Já que ele foi preso, devia ser enforcado!" Mas depois vi o seu andar empertigado e altivo, levando à sua frente as mãos algemadas e mantendo na cabeça obstinada e má o chapéu-coco como uma coroa fantástica, vi como ele ria e calei-me. Como aquele criminoso, eu também havia de rir e manter a cabeça erguida quando me levassem para o tribunal e para o cadafalso e quando a multidão que me cercasse viesse à frente a vociferar insultos, eu nada diria. Limitar-me-ia a ficar calado e desprezar a todos.

E se fosse executado e morresse, tendo de comparecer no céu perante o juiz eterno, de nenhum modo me curvaria e submeteria. Absolutamente, ainda que todos os coros dos anjos o cercassem e dele emanassem toda a santidade e dignidade! Podia ele danar-me, podia deixar-me a ferver no pezo! Eu não pediria desculpas, não me humilharia, não lhe pediria perdão e de nada me arrependeria! Quando ele me perguntasse: "Fizeste isto e aquilo?", eu lhe gritaria: "Sim, fiz isso e ainda mais e foi direito o que eu fiz e, se pudesse, faria isso de novo e mais uma vez. Matei, toquei fogo nas casas, porque isso me dava prazer e porque eu queria zombar de Ti e enraivecer-Te. Porque eu Te odeio e cuspo a Teus pés, Deus. Tu me atormentaste e magoaste, criaste leis que ninguém pode seguir, endureceste os adultos e amarguraste a vida de nós, que somos crianças."

Quando eu conseguia bem imaginar essas coisas e julgar que teria realmente oportunidade de assim agir e falar, sentia-me por um momento sombriamente bem. Mas imediatamente depois as dúvidas voltavam. Não fraquejaria, não me intimidaria, não cederia? Ou, se fizesse tudo isso, como era minha obstinada vontade, não encontraria Deus uma saída, uma superioridade, uma fraude, como os adultos e os poderosos sempre conseguiam, para no fim aparecer co mais um trunfo no último momento, para ainda me envergonhar, não me levar a sério e me humilhar sob a maldita máscara da bondade? Ah, naturalmente era assim que tudo acabaria.

Minhas fantasias fluíam e refluíam e faziam vencer ora a mim ora a Deus, elevavam-me à condição de um criminoso indomável, ou me reduziam de novo a uma criança e a um fraco.



Fui à janela e olhei para o quintalzinho da casa vizinha onde havia andaimos encostados ao muro e numa pequena horta dois canteiros se cobriam de verde. Ouvi de repente no silêncio da tarde o som claro do relógio invadir minhas visões com uma batida logo seguida de outra. Eram duas horas e voltei assustado das ânsias do sonho para as da realidade. A nossa hora de ginástica estava começando e, ainda que eu tivesse as asas encantadas e corresse para o ginásio, chegaria atrasado! Novo azar! Haveria dois dias depois chamada, repreensão e castigo. Preferia não aparecer por lá, pois nada podia fazer para consertar as coisas. Talvez com uma desculpa, boa, fina e verossímil... mas naquele momento nada me ocorreu, por mais brilhantemente que os professores me tivessem ensinado a mentir. Eu era no momento incapaz de mentir, de inventar, de arquitetar uma desculpa. O melhor era deixar a aula completamente de lado. Que importava diante do grande infortúnio outro menor?

Mas o relógio me havia despertado e paralisara as minhas fantasias. Senti-me de repente muito fraco. Com forte realidade, tudo o que estava no meu quarto, a mesa, os quadros, a cama, a estante, tudo estava carregado de realidade, representava um chamado do mundo em que era preciso viver e que naquele dia tão hostil e perigoso se mostrara para mim. Não fora assim? Não havia perdido a hora da ginástica? E não havia roubado, lamentavelmente roubado, e não escondera os malditos figos na estante, até que os tivesse comido? Que me importavam no momento o criminoso, o bom Deus e o Juízo Final? Isso tudo chegaria no seu devido tempo, mas no momento ainda estava muito longe e não era senão tolice ridícula, nada mais. Eu havia roubado e a qualquer instante o crime poderia ser descoberto. Talvez já o tivesse sido, talvez meu pai já tivesse aberto a gaveta e estivesse diante do meu crime, magoado e encolerizado, e pensando na melhor maneira pela qual poderia julgar-me. Ah, podia ser que já estivesse à minha procura e, se eu não fugisse imediatamente, veria já no momento seguinte diante de mim o seu rosto severo com os óculos. Ele devia saber sem qualquer dúvida que o ladrão era eu. Não havia em nossa casa nenhum criminoso a não ser eu. Minhas irmãs nunca faziam coisa alguma, só Deus sabe por quê. Mas também para que meu pai escondera aqueles figos em sua cômoda?

Eu já havia deixado o quarto, passara pela porta dos fundos e chegara ao jardim. Os jardins e os prados estavam cobertos de sol e as borboletas amarelas voavam sobre o caminho. Tudo parecia pior e mais ameaçador do que pela manhã. Conhecia bem aquela sensação e, contudo, parecia que nunca a experimentara tão dolorosamente. Era como se tudo o que me via de maneira direta e de consciência tranquila, a cidade e a torre da igreja, os prados e o caminho, as flores campestres e as borboletas, tudo o que era belo e amável, tudo o que sempre me dera alegria, se tivesse tornado estranho e sob mau agouro. Eu conhecia isso muito bem, sabia o que era que se sentia ao atravessar uma região familiar com a consciência atormentada! Naquele momento, a mais rara das borboletas podia esvoaçar pelo prado e pousar aos meus pés — isso nada seria para mim, não me alegraria, não me interessaria, não me confortaria! Podia a mais viçosa cerejeira oferecer-me o seu galho mais carregado que isso não teria valor, nem seria uma alegria para mim. Agora só interessava fugir do pai, do castigo, de mim mesmo, de minha consciência, fugir e ficar inquieto até que acontecesse, inexorável e irremediavelmente, tudo o que devia acontecer.

Corri sem parar, subi através da floresta e desci de Eichenberg para o moinho, atravessei a ponte e tornei a subir do outro lado através da floresta. Ali tínhamos tido o nosso último acampamento de índios. Ali, no ano anterior, quando o pai estava em viagem, minha mãe festejara a Páscoa conosco e escondera ovos para nós na floresta e entre o musgo. Ali, durante as férias, eu construía um castelo com meus primos e ele ainda estava parcialmente de pé. Por toda parte havia restos de outros tempos, por toda parte, espelhos de onde um outro eu me olhava bem diferente do meu eu atual. Tinha eu sido aquilo tudo? Tão alegre, tão contente, tão agradecido, tão amistoso, tão afetuoso com a mãe, tão despido de angústia, tão incompreensivelmente feliz? Tinha sido eu? E como poderia ter-me tornado o que era no momento, tão completamente diferente, tão perverso, tão cheio de angústia, tão destruído? Tudo continuava como sempre, a floresta e o rio, os fetos e as flores, o castelo e o formigueiro, mas estava tudo envenenado e despedaçado. Não havia então um caminho de volta para onde ficavam a felicidade e a inocência? Não poderiam as coisas voltar a ser o que eram? Voltaria eu

algum dia a rir, a brincar com minhas irmãs e a procurar ovos de Páscoa?

Eu corria sem parar, o suor me cobria a testa, mas minha culpa corria atrás de mim e, com ela, crescia grande, monstruosa a sombra de meu pai que me perseguia.

Corriam por mim as sebes e as orlas da floresta desciam. Parei num ponto alto afastado do caminho e joguei-me na relva, com o coração a bater apressadamente, o que poderia ser consequência da minha carreira ladeira acima e talvez ficasse melhor se eu descansasse um pouco. Via lá embaixo a cidade e o rio, via o ginásio onde a aula tinha acabado e os rapazes se dispersavam em todas as direções, via o comprido telhado da casa de meu pai. Ali estava o quarto de meu pai e a gaveta onde faltavam os figos. Ali estava meu quarto. Ali estaria, quando eu voltasse, o tribunal que me iria condenar. E se eu não voltasse?

Sabia que teria de voltar. Voltava sempre, de cada vez. O fim era sempre esse. Eu não poderia afastar-me dali, não poderia fugir para a África ou para Berlim. Eu era pequeno, não tinha dinheiro ninguém me ajudaria. Ah, se todas as crianças se unissem e se ajudassem umas às outras! Eram muitas, havia mais crianças do que adultos. Mas nem todos os meninos eram ladrões e criminosos. Poucos eram como eu. Talvez eu fosse o único. Mas não, eu sabia que eram comuns fatos semelhantes aos que ocorriam comigo... Um tio meu tinha roubado também em criança e fizera outras coisas erradas, de que eu tinha tomado conhecimento por ter ouvido uma conversa de meus pais secretamente, pois tinha de ouvir furtivamente tudo o que valia pena saber. Entretanto, isso de nada me valia, e se até o tal tio estivesse presente, não me ajudaria também! Crescera e já era adulto, era pastor e ficaria do lado dos adultos, deixando-me em dificuldades. Todos eram assim. Contra nós, crianças, eram todos falsos e mentirosos, representavam um papel e se faziam parecer diferentes do que eram. Só minha mãe talvez não fosse assim ou era um pouco menos.

E se eu não voltasse mesmo para casa? Alguma coisa podia me acontecer. Eu poderia quebrar o pescoço, afogar-me ou ser apanhado por um trem. Tudo então seria diferente. Eu seria carregado para casa e todos ficariam atônitos, aflitos e chorosos, e ninguém falaria mais nos figos.

Eu sabia muito bem que era possível uma pessoa acabar com a própria vida. Pensava também que era bem provável que eu um dia fizesse isso, mais tarde, quando as coisas se tornassem realmente más. Seria bom cair doente, mas não com uma simples tosse, e sim com uma doença mortífera de verdade, como na ocasião em que eu tivera escarlatina.

Enquanto isso, a hora da ginástica acabara havia muito e já se passara também o tempo em que eu era esperado em casa para o café. Talvez já me estivessem a chamar e a procurar em meu quarto, no jardim, no pátio, no sótão. Mas se meu pai já tivesse descoberto o roubo, eu não seria procurado, pois ele já sabia por quê.

Não me era possível continuar ali. O destino não me havia esquecido; estava bem atrás de mim. Continuei a minha carreira. Passei por um banco ao lado do caminho e havia também ligada ao mesmo uma recordação que tinha sido bela e amável, mas naquele momento queimava como fogo. Meu pai tinha-me dado de presente um canivete. Estávamos passeando juntos bem cedo e em boa paz e ele se sentara naquele banco, enquanto eu entrava no mato para cortar uma comprida vara de aveleira. Mas, na minha precipitação, quebrei a lâmina do canivete novo perto do cabo e voltei horrorizado, disposto a esconder o fato, mas fui interrogado por ele. Eu me sentia muito infeliz, não por haver quebrado o canivete, mas porque esperava palavras de censura. Entretanto, meu pai limitou-se a rir, abater-me de leve nos ombros e a dizer: "Que pena!" Como eu o havia naquele momento amado, como lhe havia intimamente pedido perdão por muitas coisas! E então, quando pensava na fisionomia de meu pai naquele tempo, na sua voz, na sua compreensão para comigo, via que era um monstro por haver tantas vezes aborrecido um pai assim, a quem mentira e ainda naquele dia roubara!

Quando voltei para a cidade, passando pela ponte de cima, bem longe de nossa casa, a noite começava a cair. De uma loja, por trás de cuja porta de vidro as luzes já estavam

acesas, saiu correndo um rapaz que de repente parou e me chamou pelo nome. Era Oskar Weber. Ninguém me poderia ser mais inconveniente. Apesar disso, soube por ele que o professor nem tinha dado pela minha ausência na aula de ginástica. Por onde tinha eu andado?

— Em algum lugar — disse eu. — Não me estava sentindo bem.

Fiquei calado e nada amistoso e, ao fim de algum tempo, que eu achei insuportavelmente longo, ele compreendeu que a sua presença me era desconfortável. Aborreceu-se então.

— Deixe-me em paz — disse eu friamente. — Posso muito bem ir para casa sozinho.

— É mesmo? — replicou ele. — Gosto de andar sozinho tanto quanto você, meu caro senhor! E não sou seu cachorrinho, fique sabendo! Mas antes de qualquer coisa quero saber como vai nosso cofre. Entrei com uma moeda de dez *pfennigs* e você ainda não entrou com um níquel!

— Posso devolver-lhe os seus dez *pfennigs* ainda hoje, se está preocupado. Prefiro não ver mais você. Como se eu lhe fosse tirar alguma coisa.

— Mas tirou com muito prazer ainda há pouco — disse ele ironicamente, mas deixando uma porta aberta para a reconciliação.

Eu estava irritado e zangado. Toda a ânsia e toda a confusão que em mim se haviam acumulado explodiram numa pura raiva. Weber não tinha de que se queixar de mim! Diante dele eu estava com a razão, diante dele tinha a consciência tranquila. E eu precisava de alguém diante de quem pudesse sentir-me orgulhoso e cheio de razão. Tudo o que havia em mim de desordenado e sombrio jorrou violentamente por essa válvula de descarga. Fiz o que em geral evitava fazer, dizendo que era de boa família e que não seria sacrifício para mim cortar relações de amizade com um garoto da rua. Disse-lhe que ele não podia mais comer frutas em nosso jardim e servir-se dos meus brinquedos. Sentia-me enfurecer e reviver: tinha um inimigo, um opositor, sobre quem podia lançar a culpa e com quem podia chegar às vias de fato. Todos os impulsos vitais se juntaram naquela fúria libertadora, bem-vinda e redentora, na sorridente alegria de ter um inimigo que dessa vez não estava dentro de mim, mas à minha frente a olhar-me com olhos a princípio alarmados e depois furiosos, cuja voz eu ouvia, cujas censuras eu desprezava, cujas palavras maldosas eu podia superar.

Lado a lado, empenhados em crescente altercação, descemos a rua escura; aqui e ali, alguém nos olhava da porta de uma casa. E tudo o que eu sentia em mim mesmo de raiva e de desprezo foi por mim lançado contra o pobre Weber. Quando ele começou a ameaçar de denunciar a minha ausência daquele dia ao professor de ginástica, fiquei exultante; ele perdia a razão, mostrava-se mesquinho e me dava forças.

Quando nos engalfinhamos nas proximidades da rua Metzer, algumas pessoas pararam e começaram a ver a briga. Dávamos socos um no outro no rosto e no estômago e nos dávamos também pontapés. Naquele momento, eu esquecera tudo. Estava com a razão, deixara de ser criminoso. A embriaguez da luta me dominou e, embora Weber fosse mais forte, eu era mais ágil, mais inteligente, mais rápido e mais furioso. Ficamos mais exaltados e lutávamos febrilmente. Quando ele me agarrou desesperadamente e rasgou a gola de minha camisa, senti com prazer o fluxo de ar frio correr pela minha pele ardente.

E enquanto dávamos socos, nos rasgávamos e dávamos pontapés, nos agarrávamos e sufocávamos, não parávamos um só momento de nos hostilizar com palavras, de nos insultar e arrasar. E as palavras eram cada vez mais quentes, impetuosas e maliciosas, mas inventivas e fantásticas. E também nisso eu levava vantagem, pois era mais ferino, mais inventivo e mais rebuscado. Se ele me chamava de "cachorro", eu o chamava de "sabujo". Se ele gritava "patife", eu gritava "Satanás". Estávamos sangrando sem sentir coisa alguma e, ao mesmo tempo, nossas pragas e insultos aumentavam. Desejávamos mutuamente a força e desejávamos ter na mão canivetes para cravá-los entre as

costelas um do outro e com isso desmoralizávamos o nome, a raça e o pai um do outro.

Foi a primeira e única vez em que me empenhei numa luta assim até o fim, em pleno calor de batalha, com todos os golpes, todas as crueldades, todos os insultos. Tinha assistido muitas vezes a brigas como aquela e ouvira com sinistra satisfação as pragas e os insultos vulgares. Naquele momento, era eu quem proferia aquelas palavras como se desde pequeno estivesse habituado a elas e soubesse usá-las. Lágrimas me corriam dos olhos e sangue da boca. Mas o mundo era notável e tinha um sentido; era bom viver, era bom bater, era bom sangrar, era bom tirar sangue dos outros.

Nunca a memória me permitiu saber como aquela briga acabou. Em dado momento, tudo acabou; em dado momento, vi-me sozinho dentro da escuridão silenciosa, reconheci esquinas e casas e vi que estava perto de nossa casa. A exaltação diminuiu lentamente, cessaram devagar o tatarar de asas e os trovões, e a realidade penetrou pouco a pouco pelos meus sentidos, em primeiro lugar pelos olhos. Ali estava a fonte. A ponte. Sangue em minha mão, roupas rasgadas, meias caídas, uma dor num joelho, um dos olhos dolorido, a cabeça sem o boné que eu não sabia onde tinha ido parar — tudo isso apareceu aos poucos, tornou-se realidade e foi conscientizado. De repente, senti-me extremamente cansado, com os joelhos e os braços trêmulos, e me apoiei na parede de uma casa.

E aqui estava a nossa casa. Louvado seja Deus! Eu nada mais sabia do mundo senão que ali estavam refúgio, paz, luz e segurança. Empurrei a alta porta com um suspiro de alívio.

Ali, com o cheiro da pedra e a úmida frialdade, assaltaram-me de repente lembranças centuplicadas. Ó Deus! Aquele era o cheiro da severidade, da justiça, da responsabilidade, do pai e de Deus. Eu havia roubado. Não era um herói ferido de volta da batalha. Não era um pobre garoto que volta para casa e é levado com calor e compaixão para a cama pela mãe. Eu era um ladrão, um criminoso. Lá em cima não havia para mim refúgio, cama e sono, comida e carinho, conforto e esquecimento. Esperavam-me a culpa e o julgamento.

Naquela hora, no sombrio vestíbulo noturno e na escada, cujos muitos degraus eu subia com dificuldade, creio que respirei pela primeira vez na vida, durante alguns momentos, o ar frio do vácuo, da solidão e do destino. Não via solução alguma, não tinha planos de qualquer espécie e não sentia também inquietação alguma. Apenas aquela sensação fria e austera. "Tem de ser." Cheguei ao alto, amparado no corrimão. Diante da porta de vidro, tive vontade de ainda me sentar um momento nos degraus, para respirar um pouco e acalmar-me. Mas não fiz isso, pois não adiantava. Tinha de entrar. Quando abri a porta, ocorreu-me que já era bem tarde.

Entre na sala de jantar. Estavam sentados à mesa e já tinham acabado de comer; ainda havia um prato de maçãs em cima da mesa. Eram quase oito horas. Nunca eu havia chegado a casa tão tarde sem autorização e nunca tinha estado ausente da mesa do jantar.

— Graças a Deus, você chegou!— exclamou minha mãe, emocionada.

Percebi que ela tinha estado aflita por minha causa. Levantou-se e correu ao meu encontro, mas de repente parou assustada ao ver meu rosto e as roupas sujas e dilaceradas. Eu nada disse e não olhei para ninguém, mas notei que meu pai e minha mãe se entenderam com olhares. Meu pai dominou-se e continuou calado, mas eu sentia como ele estava zangado. Minha mãe me levou para lavar as mãos e o rosto e fez curativo nos lugares feridos. Depois, sentei-me para jantar. Vi-me cercado de compaixão e de cuidados. Fiquei calado e senti-me profundamente envergonhado. Experimentava aquela solicitude e a apreciava com a consciência intranquila. Fui mandado depois para a cama. Apertei a mão de meu pai sem olhar para ele.

Quando eu já estava na cama, minha mãe entrou no quarto. Pegou as roupas que eu deixara na cadeira e colocou no seu lugar roupas limpas, pois o dia seguinte era domingo. Começou então a me fazer perguntas cuidadosamente e eu tive de falar de

minha briga. Ela achou o fato desagradável, mas não me repreendeu e me pareceu um pouco surpresa de que eu estivesse tão abatido e esquivo por isso. Em seguida, saiu.

Pensei que estava convencida de que nada havia demais. Eu me metera numa briga e fora gravemente espancado, mas tudo isso estaria esquecido no dia seguinte. Do resto, da coisa que realmente importava, ele nada sabia. Ela ficara aflita, mas se mostrava calma e afetuosa. Isso significava que meu pai provavelmente ainda de nada sabia.

Fui tomado então de uma terrível sensação de desapontamento. Compreendi que desde o momento em que pusera os pés em casa, eu fora inteiramente dominado por um desejo único, intenso e ardente. Não havia pensado em outra coisa, nada mais desejara e por nada mais ansiara senão por que a tempestade desabasse, a justiça me alcançasse, o temível se tornasse realidade e assim terminasse aquela pavorosa angústia. Eu estava preparado para tudo e poderia resistir a qualquer coisa. Poderia ser severamente castigado, espancado ou encarcerado. Podia ele deixar-me morrer de fome! Queria que ele me amaldiçoasse e repudiasse, fizesse tudo contanto que aquela angústia e aquela tensão chegassem ao fim!

Em vez disso, estava eu no meu quarto, era alvo de amor e de carinho, era tratado amistosamente, sem ser chamado a prestar contas de meu procedimento e me via forçado a esperar e sofrer de novo. Tinham-me perdoado as roupas em frangalhos, a longa ausência de casa e o fato de eu ter perdido a hora do jantar, porque eu estava cansado e ensanguentado e porque tinham pena de mim, mas principalmente porque não suspeitavam da outra coisa e só sabiam do meu mau procedimento, não do meu crime. Tudo seria duplamente ruim para mim quando a coisa se desvendasse! Talvez me mandassem, como já uma vez haviam ameaçado, para um reformatório, onde se comia pão velho e duro e durante todo o tempo de folga se serrava madeira e se engraxavam sapatos, onde havia dormitórios com inspetores que batiam na gente com bengalas e acordavam todos às quatro horas da manhã com água fria. Ou quem sabe não me entregariam à polícia?

De qualquer maneira, acontecesse o que acontecesse, eu tinha um longo tempo de espera pela frente. Tinha ainda de suportar mais tempo a minha inquietação, de carregar por muito tempo o meu segredo, tremendo diante de cada olhar e de cada passo, e sem poder encarar ninguém de frente.

Ou seria possível que, ao fim de tudo, meu roubo tivesse passado despercebido? Tudo iria ficar como estava? Fora então inútil tudo o que sentira de aflição e de sofrimento? Oh, se isso acontecesse, se uma coisa tão incrível e maravilhosa assim fosse possível, eu começaria uma vida inteiramente nova, agradeceria a Deus e me mostraria digno disso, vivendo de hora em hora pura e irreprensivelmente. O que eu tinha tentado tantas vezes e sempre sem resultado passaria a ser possível; minha resolução e minha vontade seriam suficientemente fortes depois daquele sofrimento, depois daquele inferno cheio de tormentos. Todo o meu ser se apoderou desses pensamentos carregados de afetividade e absorveu-os ardentemente. O conforto caía do céu; o futuro me parecia azul e cheio de sol. Adormeci com essas fantasias e dormi profundamente a noite inteira.

O dia seguinte era domingo e ainda na cama senti, como o sabor de um fruto, o gosto do domingo peculiar e admiravelmente misturado, mas em conjunto tão precioso, que eu conhecia desde que começara a frequentar a escola. A manhã do domingo era uma coisa muito boa: dormia-se um pouco mais, não era preciso ir à escola, havia a perspectiva de um bom almoço, não se sentia nem cheiro de professores ou de tinta e tinha-se à disposição uma porção de tempo livre. Isso era o principal. Havia outras notas mais fracas, mais estranhas e insípidas: a ida à igreja ou à aula de catecismo, passeios com a família e o cuidado que era preciso ter com as boas roupas. Isso prejudicava e minava de algum modo o gosto e o aroma puros, bons e preciosos do domingo — como duas sobremesas comidas ao mesmo tempo, como um pudim e sua calda que não combinam de todo, ou como às vezes bombons ou bolos que se compram em casas pequenas e apresentam um leve ressaibo fatal de queijo ou de querosene. É possível comer essas coisas e gostar delas, mas elas não são perfeitas, nem brilhantes e deve-se mais ou menos fechar os olhos. O domingo era em geral assim, principalmente

quando eu tinha de ir à igreja ou à aula de catecismo, o que felizmente nem sempre acontecia. Com isso, o dia livre adquiria um ressaibo de dever e de tédio. Quanto aos passeios com toda a família, embora quase sempre fossem muito agradáveis, havia sempre alguma coisa desagradável, havia brigas com as irmãs, eu andava muito depressa ou muito devagar, manchava as roupas de resina. Havia sempre algum tropeço.

Ora, tudo podia acontecer. Para mim, tudo estava bem. Desde a véspera muito tempo havia passado. Eu não havia esquecido o meu ato vergonhoso; fora a primeira coisa que me ocorrera naquela manhã, mas tudo já estava tão longe que os receios se haviam tornado remotos e irreais. Na véspera, eu havia expiado a minha culpa, quanto mais não fosse pelos tormentos da consciência, pois eu havia passado um dia horrível e cheio de torturas. Naquela manhã, eu estava mais inclinado à confiança e à inocência e bem pouco pensava ainda no assunto. Nem tudo estava inteiramente dissipado; havia ainda um pouco de ameaças, de cuidado, como no belo domingo as dissonâncias de pequenos deveres e aborrecimentos ressoavam.

Na hora da primeira refeição, estávamos todos alegres. Deixaram-me escolher entre a igreja e a aula de catecismo. Como sempre, preferi a igreja. Pelo menos, ali se podia ficar em paz e deixar correr os pensamentos. Havia também o alto e solene espaço com as janelas coloridas belas e imponentes e, quando se corriam os olhos pela longa e sombria nave até o órgão, havia muitas imagens admiráveis; os tubos do órgão que se elevavam das sombras pareciam às vezes uma resplandecente cidade de cem torres. Conseguia também muitas vezes, quando a igreja não estava cheia, entregar-me durante toda a hora sem que ninguém me incomodasse à leitura de um livro de histórias.

Naquele dia não levei um livro, nem pensei em desaparecer pelo caminho, como também já havia feito. Tanto da noite anterior em mim persistia que eu mantinha as minhas decisões boas e honestas e tencionava ser amistoso e docilmente proceder nas minhas relações com Deus, com meus pais e com o mundo. Até a minha raiva de Oskar Weber era coisa inteiramente passada. Caso ele me procurasse, eu o trataria da melhor maneira possível.

O serviço começou. Cantei os versos do coral com os outros. Era o hino *Pastor do Teu Rebanho* que nós já havíamos aprendido na escola. Notei mais uma vez como os versos de um hino eram diferentes quando cantados, especialmente no canto lento e arrastado da igreja, do que pareciam quando lidos ou recitados. Na leitura, cada verso era um conjunto, tinha sentido e consistia em frases. No canto, só havia palavras, as frases desapareciam e não havia mais sentido. Mas com isso ganhavam as palavras, as palavras isoladas e prolongadas, uma vida particularmente forte e independente. Muitas vezes se reduziam apenas a sílabas, em si mesmas sem sentido, mas que adquiriam no canto formas próprias e válidas. O verso *Pastor do teu rebanho que não queres saber de sono* (*Hirte deiner Schafe, der von keinem Schlafe envas wissen mag*), por exemplo, não tinha naquele dia no canto da igreja nem conjunto, nem sentido e não se pensava nem em pastor, nem em rebanho, não se pensava em nada. Mas isso não era de modo algum enfadonho. Palavras isoladas, especialmente *Schla-afe*, se tornavam tão estranhamente cheias e belas que embalavam inteiramente e também *mag* soava misterioso e pesado, fazendo pensar em *magen* (estômago) e em coisas escuras, fortemente emocionais e pouco conhecidas que havia dentro do corpo. E a música do órgão!

Chegaram então o pastor e o sermão, que era sempre tão incompreensivelmente longo, e o estranho estado de escuta em que durante muito tempo só ouvi a voz que falava oscilar como um sino e depois compreendia algumas palavras nítida e distintamente e segui-as com dificuldade, tanto quanto pude. Gostaria de estar sentado no coro e não na galeria entre todos os homens. No coro, onde eu já havia estado por ocasião dos concertos da igreja, a gente se sentava em cadeiras isoladas, cada uma das quais era uma construção pequena e sólida. No alto, havia uma abóbada em forma de rede, estranhamente bela e complexa. No alto da parede, o *Sermão da Montanha* estava pintado em cores suaves e o manto azul e vermelho do Salvador sobre o fundo azul-claro do céu era de uma delicadeza que fazia bem olhar.

Muitas vezes o banco da igreja estalava e eu tinha por ele profunda aversão, pois era coberto de um estranho verniz amarelo que era pegajoso e sempre aderiu um pouco à roupa. Às vezes, uma mosca zumbia numa das janelas em cuja ogiva estavam pintadas flores vermelhas e azuis e estrelas verdes. Então, o sermão chegava ao fim inesperadamente e eu esticava o pescoço para ver o pastor descer a estreita e escura escada do púlpito. Cantava-se de novo com alívio e muito alto e, depois, todos se levantavam e saíam rapidamente. Eu jogava a moeda de cinco *pfennigs* que tinha levado na caixa da coleta e o barulho da mesma não se ajustava bem a toda aquela solenidade. Depois, deixava que a torrente de povo me arrastasse para fora e para o ar livre.

Vinha então a parte mais bela do domingo, as duas horas entre o culto e o almoço. Tinha cumprido o meu dever e estava ansioso, depois de passar tanto tempo sentado, por um pouco de movimento, por jogos ou passeios ou então por um livro. Ficava inteiramente livre até o meio-dia, quando sempre havia uma coisa boa para comer. O mundo estava em ordem e podia-se nele viver. Cheio de paz, atravessei o vestíbulo e subi as escadas.

O sol inundava meu quarto. Olhei minha caixa de lagartas, de que me havia descuidado no dia anterior, e achei alguns casulos novos. Reguei as plantas.

Nisso, a porta se abriu.

Não dei logo muita atenção ao fato. Mas, ao fim de algum tempo, o silêncio me pareceu estranho e eu me voltei. Era meu pai. Estava pálido e parecia aborrecido. O cumprimento que eu ia dar-lhe me morreu na garganta. Eu vi que ele sabia! Estava ali. O julgamento ia começar. Nada se tornara bom, nada fora expiado, nada estava esquecido. O sol perdeu o brilho e a manhã de domingo murchou.

Caído violentamente do alto do céu, olhei para o pai. Odiava-o. Por que não havia falado no dia anterior? Naquele momento, eu estava inteiramente despreparado, nada havia planejado e estava desamparado até de arrependimento e sentimento de culpa. E para que precisava ter figos guardados na gaveta da cômoda?

Ele foi até minha estante, meteu a mão por trás dos livros e apanhou alguns figos. Eram poucos os que restavam. Ele então me olhou com uma interrogação muda e dolorosa. Eu nada podia dizer. A tristeza e o desafio me fechavam a boca.

— Que quer dizer isso? — consegui afinal murmurar ao fim de algum tempo.

— Onde consegui estes figos? — perguntou ele na voz baixa e contida que eu tanto odiava.

Comecei imediatamente a falar. E a mentir. Disse que havia comprado os figos numa confeitaria, onde havia grandes quantidades deles. Onde arranjava o dinheiro? O dinheiro vinha de um cofre que eu mantinha em comum com um amigo. Era onde guardávamos todo o dinheiro que nos chegava às mãos aqui e ali. De resto... aqui estava o cofre. Mostrei a caixa de charutos com a abertura no alto. Só restava nele uma moeda de dez *pfennigs* até porque na véspera havíamos comprado os figos.

Meu pai me ouviu com um rosto impassível, que eu não podia interpretar.

— Quanto custaram os figos? — perguntou ele com voz calma.

— Um marco e sessenta.

— Onde foi que comprou?

— Numa confeitaria.

— Qual delas?

— A de Haager.

Houve uma pausa. Eu continuava com a caixa de charutos na mão que haviam ficado

frias. Tudo em torno de mim era frio e gelado.

Meu pai perguntou então com uma ameaça na voz:

— Está dizendo a verdade?

Tornei a falar rapidamente. Claro que estava dizendo a verdade. A compra fora feita por meu amigo Weber e eu apenas me limitava a segui-lo. O dinheiro era principalmente de Weber e eu contribuíra com muito pouco.

— Pegue seu boné — disse então meu pai. — Vamos juntos à confeitaria de Haager. Ele saberá se isso é verdade ou não.

Tentei rir. O frio já me chegava ao coração e ao estômago. Saí do quarto e peguei no corredor meu boné azul. O pai abriu a porta de vidro. Ele também havia pegado o chapéu.

— Um momento! — disse eu. — Tenho de ir lá dentro.

Ele concordou. Fui até o banheiro, fechei a porta e fiquei sozinho. Estava por um instante em segurança. Como seria bom que eu morresse naquele momento!

Demorei-me um minuto, demorei-me dois. Não adiantou nada. Não morri. Tinha de enfrentar tudo. Abri a porta e nós descemos a escada juntos.

Quando chegávamos à porta, ocorreu-me um bom pensamento e eu disse rapidamente:

— Mas hoje é domingo e Haager não abre a confeitaria!

Era uma esperança, mas só durou dois segundos. Meu pai disse com voz calma:

— Iremos então à casa dele. Vamos.

Fomos. Ajeitei o boné na cabeça, meti uma das mãos no bolso e procurei caminhar ao lado dele, como se nada demais tivesse acontecido. Embora eu soubesse que todos me olhavam como um criminoso apanhado, eu procurava por meio de mil artifícios dissimular o fato. Procurei respirar com facilidade e inocência. Ninguém precisava saber como eu sentia o peito confrangido. Empenhei-me em mostrar um rosto ingênuo e aparentar naturalidade e segurança. Levantei uma das meias sem que houvesse necessidade disso e ri, embora soubesse que esse riso parecia terrivelmente idiota e forçado. Dentro de mim, na garganta e nas entranhas, o diabo estava plantado e me sufocava.

Passamos pelo restaurante, pela ferraria, pelos carros de aluguel, pela ponte da estrada de ferro. Ali tinha eu na véspera brigado com Weber. Ainda doía o corte perto dos olhos? Meu Deus! Meu Deus!

Caminhava sem a menor vontade, e tinha de fazer esforços para manter o corpo ereto. Passamos pelo celeiro de Adler e chegamos à rua da Estação. Como aquelas ruas me haviam parecido na véspera amigas e inofensivas! Era preciso não pensar. Para a frente, para a frente!

Estávamos já bem perto da casa de Haager. Naqueles últimos minutos, eu havia imaginado cem vezes a cena que me esperava. Tinha chegado o momento. Era agora.

Mas era impossível suportar isso. Parei.

— Que é que há? — perguntou meu pai.

— Não vou entrar.

Ele me olhou. Tinha sabido de tudo desde o princípio. Por que eu representara aquilo tudo para ele e me esforçara tanto? Era inteiramente absurdo.



— Quer dizer então que não comprou os figos na confeitaria de Haager?

Abanei a cabeça.

— Muito bem — disse ele com aparente calma. — Neste caso, vamos voltar para casa.

Ele procedeu decentemente e me poupou no meio da rua e diante dos estranhos. Havia muita gente que passava, e a cada momento meu pai era cumprimentado. Quanto teatro! Que tolo tormento sem sentido! Não era possível agradecer-lhe por me ter poupado.

Ele sabia de tudo! E me deixara dançar, me deixara dar cabriolas inúteis, como se deixa dançar um rato preso na sua gaiola de arame antes de afogá-lo. Ah, se ele desde o começo, sem nada me perguntar nem apurar, me tivesse dado com a bengala na cabeça, teria achado isso preferível à calma e à retidão com que me enredara na minha tola teia de mentiras e demoradamente me sufocara. Principalmente, era melhor ter um pai grosseiro a ter um pai tão refinado e correto. Se um pai, como os que aparecem em histórias e compêndios, espancava terrivelmente os filhos, porque estava com raiva ou sob a ação da bebida, deixava de ter razão e, por mais que as pancadas doessem, era sempre possível encolher os ombros intimamente e desprezá-lo. Mas com meu pai isso não era possível. Ele era tão correto, tão irrepreensível e tinha sempre razão. Diante dele, sentia-me sempre pequeno e miserável.

Com os dentes cerrados, entrei à frente dele na casa e fui para meu quarto. Ele continuava calmo e frio ou fingia tudo isso, porque na realidade estava tremendamente zangado, como eu claramente percebia. Começou ele então a falar de sua maneira habitual:

— Só gostaria de saber a finalidade de toda essa farsa. Você não pode me dizer? Soube desde o início que toda a sua bela história não passava de uma mentira. Por que então essa palhaçada toda? Você afinal não me julga a sério tão imbecil que fosse acreditar no que você dizia?

Cerrei ainda mais os dentes e tive um soluço. Por que era que ele não parava? Como se eu mesmo soubesse por que havia mentido! Como se eu soubesse por que não tinha podido reconhecer logo meu crime e não pedira perdão! Como se eu soubesse por que havia roubado aqueles malditos figos! Tinha eu querido fazer o que fizera, tinha feito tudo com deliberação, conhecimento pleno e motivos? Não me arrependia do que tinha feito? Não sofria com o fato mais do que ele?

Ele esperava com um rosto nervoso, cheio de cansada paciência. Por um momento, no meu inconsciente, o caso se tornou perfeitamente claro, mas eu não o poderia traduzir em palavras, como posso hoje. Tinha sido assim: eu havia roubado porque, ao entrar no quarto de meu pai em busca de conforto, para minha decepção o encontrara vazio. Eu não tinha querido roubar. Desde que o pai não estava lá, quisera fazer apenas um pouco de espionagem, mexer em suas coisas, descobrir os seus segredos, saber alguma coisa sobre ele. Tinha sido isso. Ali estavam os figos, e eu roubei. Arrependera-me imediatamente e tinha passado todo o dia anterior em sofrimento e desespero, desejara a morte, havia-me condenado e tomara novas e boas resoluções. Mas naquele domingo... bem, naquele domingo tudo era diferente. Eu já havia passado plenamente pelo arrependimento e tudo mais. Estava menos sentimental e sentia resistências obscuras, mas enormes, diante de meu pai e de tudo o que ele de mim esperava e desejava.

Se eu pudesse dizer-lhe, ele me compreenderia. Mas também as crianças, por mais superiores que sejam aos adultos em compreensão, se mostram sozinhas e desorientadas diante do destino.

Enrijecido por um sentimento de desafio e de obstinada angústia, fiquei ainda mais calado e deixei meu pai falar e vi com tristeza e com estranho e maliciosoprazer como tudo se tornava cada vez pior e como ele sofria e estava decepcionado porque era em vão que apelava para o que havia de melhor em mim.

Quando ele me perguntou: "Roubou então os figos?", pude apenas fazer um sinal afirmativo. Não me foi possível fazer mais que um fraco sinal de assentimento quando ele quis saber se eu estava arrependido. Como podia um homem tão grande e tão inteligente fazer perguntas tão insensatas? Como se eu pudesse não estar arrependido de ter provocado tudo aquilo! Como se ele não fosse capaz de ver como todo o caso me aborrecia e confrangia o coração! Como se fosse possível àquela altura ter prazer com o meu ato e com os malditos figos!

Talvez pela primeira vez em minha curta vida, senti, quase até o limiar da compreensão e da consciência, como tão indizivelmente duas criaturas humanas bem-intencionadas uma com a outra podem desentender-se, atormentar-se e torturar-se reciprocamente e como então todas as conversas, toda a inteligência, toda a razão só servem para tornar mais violento o veneno e criar novos tormentos, novos sofrimentos e novos erros. Como era possível? Mas era possível e estava acontecendo naquele momento. Era absurdo, era insensato, era para rir e se desesperar, mas era assim.

Basta, porém, deste caso! O fim da coisa é que eu passei a tarde do domingo preso no sótão. Esse duro castigo perdeu parte dos seus terrores graças a circunstâncias que eram meu segredo. Naquele escuro sótão que ninguém usava, havia uma caixa coberta de pó e meio cheia de livros velhos, alguns dos quais não se destinavam absolutamente a crianças. A luz para poder ler consegui deslocando uma telha do telhado.

À noite, naquele triste domingo, meu pai aproveitou a oportunidade, pouco antes de eu ir para a cama, para ter uma breve conversa comigo, o que nos reconciliou. Quando me deitei na cama, tinha a certeza de que ele me havia perdoado... muito mais do que eu a ele.